SEMANA TEOLÓGICA DA UNICAP

MISSÕES COM TRIBOS URBANAS: O INICIO DE UM NOVO CONTEXTO ECLESIÁSTICO

Marcio Gonçalves Campos*

Resumo

Neste breve artigo gostaríamos de apresentar algumas reflexões em torno do tema proposto acima: MISSÕES COM TRIBOS URBANAS. Iremos discorrer, por exemplo, sobre: o que são tribos urbanas "salientando brevemente o que favoreceu seu surgimento". Também faremos algumas observações a respeito de algumas limitações como desafios para a igreja e por fim, realizaremos algumas propostas como sugestões para uma melhor contextualidade no que diz respeito à comunidade de fé. "As classes sociais produzem modos próprios de ser e existir, isto é, "culturas", ou "subculturas", que identificam seus membros e contrastam com as outras classes sociais, dentro do todo integrado da cultura que sustenta tal sociedade". (GOMES, 2011, p. 46-47). E é pensando nestes subgrupos que nós nos propomos a desenvolver o pensamento teológico prático para que seja um impulsionador de uma práxis de relevância em nossos meios eclesiásticos, em nossas comunidades e em nossas vidas no dia a dia. Afinal o próprio apóstolo Paulo disse: "Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns." (1 Coríntios 9:22).

Palavras-chave: Tribos urbanas. Comunicação. Contextualidade. I Título.

1 Tribos urbanas: quem são e de onde vieram

Gostaríamos de iniciar o nosso artigo demonstrando de forma objetiva quem são as tribos urbanas, pois, esta é apenas uma pequena reflexão. No entanto se faz necessário antes de mais nada dizer que todas as tribos urbanas estão dentro de uma sociedade e podemos descrever o que é sociedade através da seguinte forma: "Cultura é este conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade." (MELLO, 1988, p. 40). Esta pessoa que está dentro de uma

* Pr. Marcio Gonçalves Campos é formado em Teologia pelo STBNB, Pós-graduado em Ciências da Religião pela FATIN, mestrando em Teologia pela UNICAP. Professor de Missões Urbanas no curso de extensão de Formação Missionária da Escola de Missões do STBNB. Além disso, é pastor na área de Missões Urbanas da Igreja Batista da Capunga e Coordenador-idealizador do Ministério Café com os Manos, ministério este que atua nas ruas da região Central do Recife no resgate de dependentes químicos, no auxílio de mulheres e crianças em situação de vulnerabilidade social e no trabalho de evangelização junto das diversas Tribos Urbanas nas proximidades do Marco Zero do Recife. Para maiores informações basta entrar em contato: mcradical01@gmail.com.

sociedade é dotada de gostos, hábitos e costumes que o inclinam para uma determinada tribo, pois é isso que as tribos urbanas são. Gostaríamos de salientar está afirmação do seguinte modo:

> "A confiança que se estabelece entre os membros do grupo se exprime através de rituais, de signos de reconhecimento específicos, que não têm outro fim senão o de fortalecer o pequeno grupo contra o grande grupo." (MAFFESOLI, 1998, p.131).

Não vamos nos ater a profundidade do assunto aqui posto por Maffesoli, pois a parir disso poderíamos discorrer sobre as gírias que são o modo prático de comunicação entre as tribos urbanas, mas, que estes pequenos grupos que também são conhecidos como subculturas são uma rede de relacionamentos com afinidades em comum. Podemos analisar este fato da seguinte forma:

> Com efeito, a ênfase espacial não é um fim em si. Se, novamente, damos sentido ao bairro, às práticas de vizinhança e ao, afetual regatado por elas é porque assim permitimos a existência das redes de relações. A proxemia remete, essencialmente, ao surgimento de uma sucessão de "nós" que constituem a própria substância de toda sociedade. Continuando, gostaria de fazer notar que a constituição dos microgrupos, das tribos que pontuam a espacialidade se faz a partir do sentimento de pertença, em função de uma ética especifica e no quadro de uma rede de comunicação. Estas poderiam ser as palavras-chave de nossa análise. (MAFFESOLI, 1998, p.193-194).

Esta citação de Maffesoli nos leva a refletirmos em uma definição postulada pelo autor deste artigo: "Tribos urbanas são microgrupos constituintes de subculturas imbuídas do sentimento de pertença que aplicam entre si mesmos uma ética específica, promovendo e participando de uma grande rede de comunicação dentro e fora dos microgrupos e guetos". Em outras palavras poderíamos dizer que as tribos urbanas são pessoas normais que enxergam a sociedade de um ponto diferente do restante da grande sociedade, mas que nem por isso se fecha dentro de seus guetos e nichos. No entanto, gostaríamos de pensar sobre o que favoreceu o surgimento das tribos urbanas. No início era o pensamento de liberdade do habitual, costumeiro e tradicional padrão de vida. Podemos analisar este fato da seguinte forma:

> Como nos antigos melodramas de Hollywood, [...], a teoria crítica, no início, via a libertação do indivíduo da garra de ferro da rotina ou sua fuga da caixa de aço da sociedade afligida por um insaciável apetite totalitário, homogeneizante e uniformizante como o último ponto de emancipação e o fim do sofrimento humano – o momento da "missão cumprida". (BAUMAN, 2001, p. 38)

Neste trabalho poderíamos apresentar vários outros aspectos referentes ao que contribuiu para o surgimento das tribos urbanas, entretanto, consideramos o fator libertação do sistema como um dos principais propulsores desta revolução cultural que não parou mais. Fora que, a individualização em detrimento do coletivo majoritariamente dentro do sistema não favorecia os pensamentos dos integrantes das subculturas que viriam a se constituir como tribos urbanas. Podemos observar este pensamento da seguinte maneira: “O “coletivismo” foi a primeira opção de estratégia para aqueles situados na ponta receptora da individualização, mas incapazes de se auto-afirmar enquanto indivíduos se limitados a seus próprios recursos individuais, claramente inadequados.” (BAUMAN, 2001, p. 46). Podemos dizer que; a união de estilos e pensamentos favoreceu e contribuiu para o surgimento das tribos urbanas.

2 Limitações: os desafios encontrados pela igreja no contato com o contexto atual

Como seria bom que toda a igreja tivesse uma mente aberta para o novo de forma a aprender com este. Seria ótimo poder entender que existem pessoas diferentes com aprendizados novos que pode agregar valores positivos para nossas comunidades de fé. Entretanto, isso ocorre porque a sociedade também não é uniforme em suas idéias, expressões culturais, modo de vestir entre outros. A igreja não pode ignorar as espécies sociais como se a doutrina cristã fosse capaz de subjugar toda pluralidade contida na sociedade. Gostaríamos de descrever este pensamento da seguinte forma:

> Mas escapa-se a esta alternativa logo que se reconhece que entre a multidão confusa das sociedades históricas e o conceito único, mas ideal, de humanidade, há intermediários: as espécies sociais. Com efeito, na idéia de espécie encontram-se reunidas não só a unidade que qualquer investigação verdadeiramente científica exige, mas também a diversidade própria dos fatos, porque a espécie é a mesma para todos os indivíduos que fazem parte dela e, por outro lado, as espécies diferem umas das outras. (DURKHEIM, 2002, p. 92).

Podemos afirmar categoricamente que as espécies sociais não são um problema em si mesma, pois, elas existem simplesmente porque pessoas existem e estas são diferentes umas das outras. Contudo, sabemos que o papel da igreja é

anunciar o evangelho de Cristo Jesus. Mas, por que as pessoas não estão sendo alcançadas de forma efetiva? Esta deveria ser uma pergunta freqüente em nossas mentes, pois, bem sabemos que para além das quatro paredes existem vidas perdidas aguardando por um filho de Deus que esteja disposto a ir ao seu encontro para lhe anunciar as boas novas de Jesus Cristo. Entretanto, pelo que nos parece, isso nunca foi uma preocupação real de alguns ministros do evangelho. Podemos analisar este fato da seguinte forma:

> A classe sacerdotal dos dias de Jesus restringia suas ações ao lugar considerado sagrado pelos religiosos de sua época. Os sacerdotes contemporâneos do Senhor exerciam um ministério de manutenção, cuja principal preocupação se restringia à conservação das tradições, dos ritos e dos costumes religiosos. Tinham como foco única e exclusivamente a preservação do *status quo*. Não eram transmissores do amor de Deus. Eram oficiais de uma religião que, naqueles dias, estava absolutamente distante do povo, alheia aos dramas, às dores e às lutas vividas pela gente comum. Compaixão, amor, compartilhamento, misericórdia e sentimentos semelhantes não faziam parte da agenda da religiosidade dominante daqueles dias. Definitivamente não. (VIEIRA, 2016, p.40).

Este questionamento ao *modus operandi* de alguns ministros, que são representantes da igreja e que por sua vez levam os membros a seguir os seus passos pelo exemplo, não é de forma alguma um questionamento maldoso ou pejorativo, antes é, um alerta para que não sigamos os mesmos passos. Nesse sentido, não pode haver transferência de responsabilidade da comunidade eclesiástica para outras instancias governamentais, ONGs ou projetos similares. Podemos argumentar sobre isto da seguinte maneira: “Jesus disse: “...edificarei a minha igreja...”! A igreja é o instrumento de Deus para a realização da obra missionária e a responsável pela seleção, treinamento e envio do missionário. Não vejo na Bíblia outro instrumento para realizar a obra de Deus a não ser a igreja.” (QUEIROZ, 2014, p.74). Sendo assim, podemos dizer que a maior limitação da igreja é ser ela mesma no meio da multidão de estilos e pensamentos, sem perder a sua essência evangelística e ao mesmo tempo comunitária.

3 Contextualidade: um método prático para a comunicação efetiva do evangelho

Para falarmos em contextualidade, precisamos em primeiro lugar entender o que viria a ser a comunicação, pois, a contextualidade é um produto final de uma boa comunicação. Gostaríamos de observar este fato com a seguinte definição: “A comunicação pode ser definida como o processo em que uma informação (formal ou informal) é transmitida, decodificada, interpretada e associada ao universo de quem a recebe. Isso independente, é claro, de sua aceitação ou rejeição.” (LINDÓRIO, 2014, p.27). Através desta definição, podemos dizer que a comunicação é meio pelo qual todos os serem vivos estabelecem os seus relacionamentos. Mas pelo que nos parece, o ser humano tem algumas dificuldades em se relacionar entre si e uns com os outros. Isso se dá por conta da falta de proximidade nos códigos usados para a comunicação, e neste caso específico, tratamos da comunicação do evangelho. Podemos analisar este pensamento do seguinte modo:

> Uma mensagem em português, por exemplo, passa por um processo criptográfico que a torna ilegível. Para criptografá-la, porém, é necessário a utilização de um código predefinido, o qual deve ser utilizado para decodificá-la e, assim, torná-la idêntica à sua forma original. As duas fontes distintas (quem envia e quem recebe) precisam, portanto, partilhar o mesmo código. O fato é que, quanto mais próximo for o código, mais perfeita será a compreensão da mensagem (LINDÓRIO, 2014, p. 28).

Para que haja uma comunicação fielmente correta da igreja, esta precisa estar inserida na contextualidade do quotidiano. Pois, o lugar de ação da igreja parte do entendimento das pessoas e dos grupos constituintes do local de onde estão inseridos “no nosso caso dos centros urbanos”. Gostaríamos de observar fato da seguinte forma:

> Em primeiro lugar, evangelização é um *testemunho que acontece em contexto histórico e social determinado.* É parte de um espaço vivo com suas características culturais, geográficas, econômicas, sociais e políticas, e acontece em um momento temporal, seja este uma geração ou uma época. Em uma situação destas existe uma interação continua entre pessoas e grupos, entre idéias, atitudes, valores e sentimentos, que são entrelaçados e mutuamente influenciam o comportamento. A evangelização portanto envolve seres humanos situados social e historicamente. (COSTAS, 2014, 55).

O evangelho está inserido num contexto social, da mesma forma que o contexto social também influencia o contexto dos participantes da igreja. Desvincular um do outro é o mesmo que tirar um filho de uma mãe, pois um vem do outro. Em outras palavras poderíamos dizer que o caminho “método” da efetividade da

mensagem é observado pela contextualização. Podemos analisar da seguinte maneira:

> A contextualização do evangelho, tarefa da comunicação transcultural, possui três centros ou focos: o evangelho enculturado da Bíblia, o mensageiro ou comunicador que pertence à outra cultura e o receptor do evangelho que responde a parir do seu contexto da sua própria cultura. (NICHOLLS, 2013, p. 73)

O evangelho enculturado da Bíblia permite a transição e circulação da mensagem sem ruídos, o mensageiro que pertence a outra cultura deve estar atento com seus vícios culturais e o receptor que responde a partir do seu próprio contexto deve ser compreendido e acolhido. Este tipo de pensamento está enraizado nos princípios da teologia contextual que diferentemente das demais teologias, busca antes criar uma ponte entre a comunidade de fé “igreja” e a cultura vigente ao contexto no qual se reporta, neste caso, um contexto de tribos urbanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, gostaríamos de realizar algumas considerações pensando nos três pontos centrais aqui apresentados. Primeiro; as tribos urbanas são em sua grande parte são jovens e adolescentes que buscam através da autoafirmação um reconhecimento dentro da sociedade maior, mas esse reconhecimento não quer dizer necessariamente deixar de ser quem são. Em segundo lugar; um dos maiores desafios da igreja em nossos tempos atuais é observar, reconhecer e acima de tudo aprender com as novas gerações, pois, estes têm muito a nos ensinar também e a falta de humildade pode nos levar a um total afastamento desta geração que nasceu após 2000, isto é, ao em vez de aproximá-los. E em terceiro lugar; a igreja de Cristo Jesus não precisa ter medo ou receio do novo, basta caminhar com aqueles que já estão atualizados com os novos meios de comunicação, e ter uma abertura de mente para criar uma cultura de mudança dentro de uma contextualidade natural que unam as gerações.

REFERENCIAIS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BÍBLIA. Português. **Nova versão internacional**. Traduzida pela comissão de tradução da sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

COSTAS, Orlando E. **Proclamar libertação:** uma teologia de evangelização contextual. São Paulo: Garimpo Editorial, 2014.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** São Paulo, SP: Martin Claret, 2002.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia:** ciência do homem: filosofia da cultura. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Comunicação e cultura:** a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideais e ações missionárias no contexto transcultural. São Paulo: Vida Nova, 2014.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1998.

NICHOLLS, Bruce J. **Contextualização:** uma teologia do evangelho e cultura. 2. ed. – São Paulo: Vida Nova, 2013.

QUEIROZ, Edison. **A igreja local e missões.** 6. ed. São Paulo: Vida Nova, 2014.

VIEIRA, Paulo Eduardo Gomes. **Cristolândia:** esperança na cracolândia. São Paulo: CLC Brasil, 2016.